

dizem a palavra que não terá um gesto

os rapazes no campo suburbano dobraram-se ao peso mineral da seringa, contra a noite do morro, viram as luzes passarem na estrada e pensaram a cidade como uma grande veia, depois, a cabeça descaiu para ombro nenhum, e mesmo assim adormeceram, a alguns a madrugada já não trouxe o frio, a outros abriu-lhes os olhos para latas, folhas de estanho, sacos de plástico, preservativos, com a ponta dos dedos afagaram uma barba rala, outro lixo, de cima vinham as vozes, de um céu que se quer esquecer, o arame farpado, curvo, como uma corda endurecida pela geada, ao fundo, as traseiras dos prédios aguavam amarelo, algumas janelas entreabriam uma cassa picada de cagadelas de mosca,

a desolação é inclinar a cabeça para trás e ver os ramos da cerejeira crescerem para baixo, cada vez mais grossos, até um baraço de nylon atado ao tronco, ouvir o som das cozinhas, os passos das crianças que não suportam o peso dos olhos e por isso os rasgam no caminho,

*o branco, na colher, fervilha acolhedor, como se fosse a casa
que não se pode pensar,*

*a luz é a água vidrada nas poças, vem debaixo, vagarosa,
descreve no seu percurso tudo o que a fome, a dor, a doença
e o medo, acrescentam a um corpo, a luz escolhe os pobres
para o seu esplendor,*

*anda, atento a relevos, serralhas, cardos, pedras e charcos,
move pelos acidentes da pobreza um olhar acidentado, ao
longe, os carros passam muito rápidos, e deixam-lhe na ca-
beça uma dor ressoante,*

*treme,
e há o calor da tremura: o conforto da febre,
as mãos aconchegam-se debaixo dos braços, nessa casa ter-
minal*

*a rua é íngreme, entre paredes e olhos, e o rio para que dá é
outra rua clara,
no cimento do muro, erguem-se os galhos das videiras impe-
netráveis. De gestos. De tinta. De ira.*

*afastou a pedra com os dedos, e o arranhão foi lento, não pa-
rava de rasgar, o corpo ficou pesado nessa ferida, começou a
pulsar como o aterro, o morro, o comboio de mercadorias, al-
guns cardos,*

*atravessou a avenida, cambaleante, estendeu a mão para o
carro parado, mas a mão era um objecto inóspito, espécie de
lixreira que o abandono suportava,*

*ouviu: nada posso fazer.
o vazio engelhado da mão tornava os dedos desumanos.*

*quem parou só viu o que queria esquecer,
a janela do carro fechou-se, silenciosa, a música tornou-
-se distante e a cabeça deformada do condutor desapare-
ceu comida por essa maré de vidro, até que o rapaz viu a
sua própria cara a vê-lo, num brilho de óleo que a amor-
tecia,*

*os outros é que dizem a palavra que não terá um gesto: Deus,
porque ele unicamente nasceu com as que confirmam o cor-
po na mutilação,*

*a ferida alastrou-lhe do lábio para a cara. E antecipou. Deus
não o vê comido pela crosta. Só os homens estão atentos a es-
ses sinais. Mas o brilho intersticial do pus já não comove.
Afasta.*

*sentado na muralha, estremece-o a água, a cintilação metas-
tática. O frio é a única palavra que lhe move os lábios. Quan-
do ergue a mão, é unicamente para acolher o calor intermi-
tente da sua mudez.*

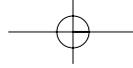
*os que vão morrer, enrodilham-se na morte para ter compa-
nhia.*

*tosse: o ar tornou-se sólido. Ele quer expulsá-lo, ficar no ex-
terior dessa pedra de ar. Febril. Que se multiplica.*

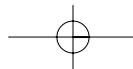
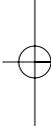
*do fundo, vem a passagem dos sons, de tão longe que se jul-
garia ser um artifício do silêncio,*

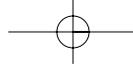
a luz esquece-te: até perderes o nome,

*às vezes chamam-no,
é uma voz de mulher, irada,*



*chama durante todo o dia a sua resposta,
não respondas: deixa que o teu nome rejubile,
a palavra atónita no seu esplendor*





este presente que o futuro incessantemente come

1

a mão, ao alto, está voltada para mim, quer talvez tapar-me a boca, impedir a palavra da consolação, essa mão não abençoa o homem ajoelhado que segura um pano, ou um bocado de lona, ou um cartão endurecido pela lama seca, segura-o como se fosse uma oferenda, e olha para a frente e para baixo, os seus olhos ultrapassam o velho deitado que parece chorar, ou a magreza foi-lhe retraindo os lábios, repuxando-os para o interior da boca, até esta se tornar uma fenda orlada de branco, tira exangue, de onde a cor desapareceu, protegida por uma dobra de pele que lhe transforma a cara num molde devorado pela mansa paciência do medo, invólucro tão leve, assim, no chão de terra batida, molhado de chuva, de mijó, de fezes, tem a delicadeza da quitina de um insecto sobre um espinheiro, desse corpo levanta-se a mão e pressente-se que o que a mantém no ar, hirta, sob a outra mão enorme, é a rigidez

